

AJ 00194

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

PROJETO SEGUE NESTA SEMANA PARA A REITORIA, QUE DEVE VOLTAR A DISCUTIR O ASSUNTO DIA 30

Definição de cotas pela aparência gera protestos

Para uns, método só vai reforçar o preconceito; para outros, reflete a realidade brasileira

ELISANGELA BELLO
ebello@redgazeta.com.br
MAURÍLIO MENDONÇA

O projeto que prevê a reserva de vagas nos cursos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), apresentado na última segunda-feira pela Pró-reitoria de Graduação (Prograd), ainda nem foi aprovado, mas está cercado de polêmica. Um dos pontos em discussão é o processo escolhido para identificar o candidato que vai ocupar vagas reservadas para negros vindos de escolas públicas: a classificação pela aparência.

No projeto, a definição de que o candidato é negro vai depender apenas das características físicas do vestibulando,

Nessa semana, o projeto segue para a reitoria, que deve voltar a discutir o assunto no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), no próximo dia 30. Depois, o assunto ainda passa pelo crivo do Conselho Universitário, o que pode alterar bastante a proposta até a fase de implantação.

O professor aposentado da Ufes, e ex-membro da comissão que elaborou a primeira proposta para implantação das cotas, Joaquim Beato, é a favor da definição de quem pode ou não ser cotista através da aparência.

Em caso de dúvida. Para ele, o preconceito no Brasil está ligado ao fenótipo e não à etnia. "Acho que o melhor seria fazer como se fazia na UNB, que só acionava uma comissão para julgar quando havia dúvida. No Brasil, todo mundo sabe quem é preto", afirmou, lembrando que um estudo dizia que no Brasil há um preconceito chamado "preconceito de marca", ou seja, ligado à aparência da pes-

A proposta encaminhada pela Câmara de Graduação não agradou ao professor, que esperava um projeto mais próximo do que foi defendido pela comissão. Assim como Gilberto Batista Campos, integrante do movimento pró-cotas na Ufes. "Essa porcentagem é irrisória perto do que a gente defende", critica Campos.

Mas, ao contrário de Beato, Gilberto não é favorável a identificação de quem é negro pela aparência. Ele lembra que, durante 30 anos, o movimento negro lutou pela afirmação da etnia e pelo fim do racismo, mas a proposta da Ufes vai de encontro a essa luta. "O racismo age em cima da aparência e esse método da Ufes só favorece a manutenção desse preconceito. A proposta é racista", afirma Batista.

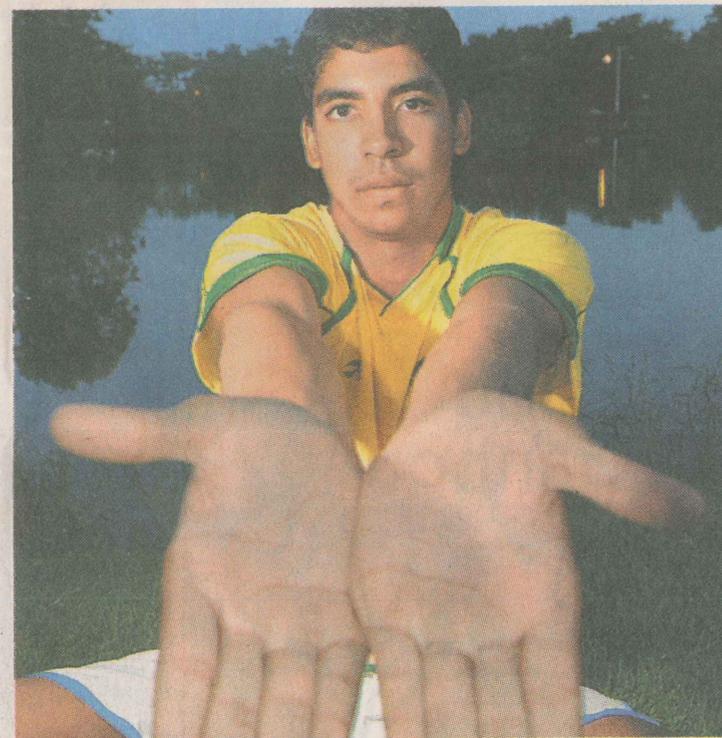
Para ele o racismo não se manifesta apenas sobre a cor, mas, também, através de mecanismos que desfavorecem os negros. "São atitudes como essa que impedem a ascensão do negro na sociedade brasileira,

Na expectativa



QUALIFICAÇÃO. Luciana Miranda tem 17 anos, e vai concorrer a uma vaga no curso de Direito da Ufes, no fim deste ano. "Sou a favor das cotas, mas a porcentagem para negros é pequena. Normalmente você vê os negros ocupando cargos menos qualificados. As cotas podem mudar essa realidade". FOTO: EDSON CHAGAS

Cor da família



COTAS NA UFES

■ **Vagas.** A proposta prevê uma reserva de vagas para estudantes de escolas públicas e, dentro desse percentual, uma quantidade específica para negros. O objetivo é atingir os 50% das vagas do vestibular em três anos

■ **Percentual.** No ano de implantação, seriam reservados 25% das vagas para cotas (5% para negros e 20% para demais cotistas). No ano seguinte, as cotas aumentam para 40% (5% para negros e 35% para demais). E, no terceiro ano, em 2009, a reserva de vagas chega aos 50% (5% para negros e 45% para os demais)

■ **Provas.** Todos os candidatos vão disputar o mesmo vestibular, não havendo distinção de prova e avaliação entre cotistas e não-cotistas. O mínimo exigido é que o candidato acerte 30% na primeira etapa e 30% na segunda

■ **Disputa.** As primeiras vagas a serem preenchidas são as destinadas ao Sistema Único, ou seja, que não estejam separadas para cotistas. O preenchimento será feito pelos candidatos que alcançarem as maiores notas no vestibular, sendo estes cotistas ou não

■ **Rede pública.** Em seguida são preenchidas as vagas dos estudantes de escola pública. Os negros também podem participar desse processo. E, por último, as vagas específicas para negros (5%).

ísticas físicas do vestibulando, ou seja, o fenótipo. O parentesco será desconsiderado.

ja, ligado à aparência da pessoa e não à sua ascendência, como nos Estados Unidos.

negro na sociedade brasileira, mantendo-os oprimidos como estão”, afirma Gilberto.

Avaliação apenas pelo visual

Antropólogo acha que a família, a história e o meio em que o candidato vive serão desconsiderados

Fenótipo é a aparência, ou seja, as características físicas de uma pessoa, como coloração da pele, cabelo, olhos, altura, peso, e outras mais. Cada pessoa recebe essas características de sua carga genética e elas podem ser alteradas de acordo com o meio em que cada um vive. Seria possível, então, identificar quem é negro ou não na sociedade? Como isso pode ser feito?

Para o antropólogo Ricardo Agum, professor de Antropologia da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), uma pessoa declarar que a outra é negra, como no projeto de cotas da Ufes, pode gerar alguns conflitos. “A luta, atualmente, é para que as próprias pessoas se autodeclarem negras. Se a proposta do sistema de cotas da Ufes for mantida, a única opção de se avaliar alguém será pelo visual”, critica Agum.

Outra preocupação de Ricardo é esse tipo de avaliação, pela aparência, cair no senso comum, ou seja, sem base científica. “Ficar preso somente às características físi-

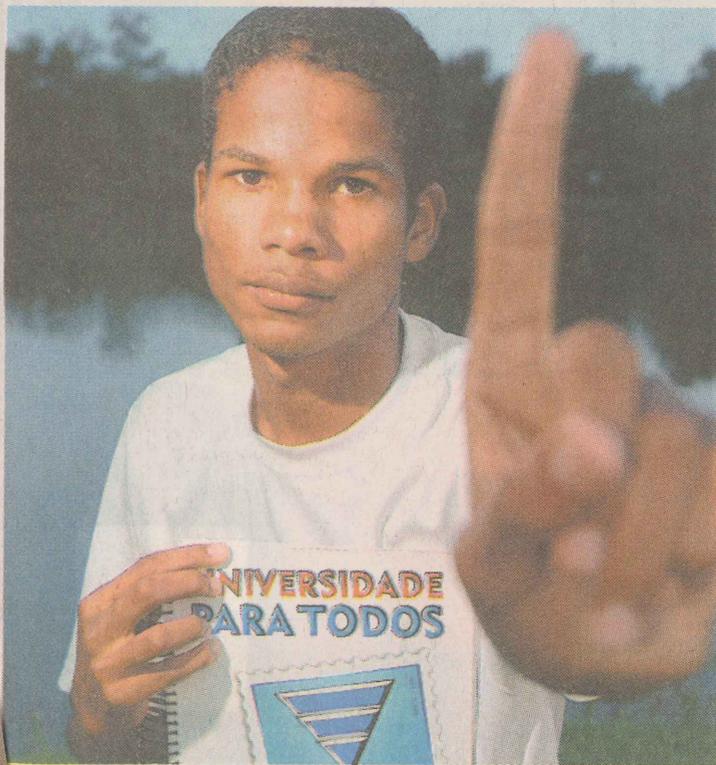
cas de cada candidato é esquecer da sua família, sua história e o meio em que vive”.

O professor de Genética Molecular e coordenador do departamento de Ciências Biológicas da Ufes, Iuri Drumond Louro, considera que alguns erros podem ser cometidos com esse tipo de avaliação.

“Atualmente as etnias são muito misturadas. Outras nações também apresentam traços parecidos aos dos povos africanos. E nem todo negro apresenta as características de sua etnia. Sem falar do meio em que vivemos, ele também pode proporcionar mudanças”, afirma Louro.

INJUSTIÇA. “Eu me considero negro”, afirma o estudante Nelson da Costa Rodrigues Júnior, 18 anos, candidato a uma vaga no curso de Engenharia Civil. “Toda a família do meu pai é negra. Seria injustiça não poder entrar numa vaga, separada para negros, por não aparentar ser um”. FOTO: EDSON CHAGAS

Só para escola pública



AGA. Oséias Guimarães Souza, 17 anos, vai tentar uma vaga no curso de Geografia da Ufes. “Sempre estudei em escola pública e acho que as cotas deveriam ser apenas para esse caso. Sou negro e não acho necessário as cotas raciais. Mesmo assim, aceitaria uma vaga pela minha cor”. FOTO: EDSON CHAGAS

Passaram todo esse tempo criando problemas com as cotas raciais, até que resolveram criar uma cota ‘fenótipa’, para tapar buraco. Isso se chama racismo institucional

GILBERTO BATISTA CAMPOS
Integrante do movimento pró-cotas na Ufes.

É preciso ter cuidado para não estender essa questão do fenótipo e beneficiar pessoas que nunca passaram pela experiência de serem vistas como pretas

JOAQUIM BEATO
Professor aposentado da Ufes e ex-membro da Comissão Pró-cotas